

**7o. Domingo do Tempo Comum - 2021**

**Que vivamos a gratuidade do amor**

Amados irmãos, que a paz do Senhor seja sempre abundante em sua vida!

No sétimo domingo do Tempo Comum do corrente ano (20.2.2021), debruçamo-nos sobre a passagem narrada por Lucas que dá continuidade ao chamado “Sermão da Montanha”, ou “Sermão do Monte”. Sem dúvida alguma, os ensinamentos de Jesus neste Sermão é uma das principais partes do evangelho, podendo se dizer que é um verdadeiro resumo deste. Ele aponta o caminho para que o homem possa se tornar abençoado, repleto de bem-aventuranças celestiais. Várias tradições religiosas, direta ou indiretamente, fazem referência a ele e algumas chegam a dar a sua interpretação própria ao grande conjunto de ensinamentos existentes nesse sermão. Em nossa reflexão de hoje, vamos nos ater ao trecho em que Jesus aponta o amor como o grande remédio, aquele que é capaz de combater o mal, o ódio e a violência entre os seres.

Vejamos, então, o trecho bíblico sobre o qual refletiremos:

27Digo-vos a vós que me ouvis: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, 28abençoai os que vos maldizem e orai pelos que vos injuriam. 29Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra. E ao que te tirar a capa, não impeças de levar também a túnica. 30Dá a todo o que te pedir; e ao que tomar o que é teu, não lho reclames. 31O que quereis que os homens vos façam, fazei-o também a eles. 32Se amais os que vos amam, que recompensa mereceis? Também os pecadores amam aqueles que os amam. 33E se fazeis bem aos que vos fazem bem, que recompensa mereceis? Pois, o mesmo, fazem também os pecadores. 34Se emprestais àqueles de quem esperais receber, que recompensa mereceis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. 35Pelo contrário, amai os vossos inimigos, fazei bem e emprestai, sem daí esperar nada. E grande será a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, porque ele é bom para com os ingratos e maus. 36Sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso. 37Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados; 38dai, e vos será dado. Será colocada em vosso regaço medida boa, cheia, recalcada e transbordante, porque, com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos vós também”. (Lc 6,27-38)

A bondade que conhecemos, decorrente de nossa condição humana, limita-se às ações amorosas a quem nos é caro e, quando muito, ao agirmos com caridade humana, direcionamo-nos compassivamente àqueles que nos são neutros, ou seja, aos necessitados desconhecidos. Tais atos, porém, vêm sendo apontados como importantes práticas de civilidade desde os tempos antigos, inclusive defendidos pelos homens da Lei, na época de Jesus.

Entretanto, a nossa condição humana nos diz que, se tivermos algum contratempo com alguém, ou agredidos de alguma forma, devemos reagir à altura, pois o nosso amor próprio nos leva a amarmo-nos acima de qualquer coisa e agir, no que for necessário, para nos defender de agressões alheias. Até a lei nos protege se empregarmos atos violentos, como a retirada da vida de outro, no caso de legítima defesa – matá-lo antes que ele nos mate, sempre, porém, com a intensidade similar. Pois bem, tais princípios de civilidade regem as relações entre os seres, num equilíbrio harmônico de forças para a manutenção da “paz” entre as pessoas, de acordo com a lógica deste mundo.

Eis a “loucura” aparente dos ensinamentos de Jesus. Não basta apenas agirmos dentro dos princípios morais e legais na relação com o outro, não basta, somente, que tenhamos atos caridosos com as pessoas queridas ou mesmo com as desconhecidas, faz-se necessário irmos além. Além do socialmente prescrito, do humanamente esperado, do legalmente estabelecido, além da justiça harmônica e “equilibrada” dita pelos homens. Devemos chegar ao “absurdo” de amar os inimigos, de compreende-los e orar por eles, de não reagirmos às agressões recebidas, físicas ou verbais, como disse Jesus, de não se opor ao mal, revidando-o com a forca do mal.

É claro que não devemos ver a imagem de “dar a outra face” como uma determinação literal, pois muitos que assim o fazem chegam a ironizar tal ensinamento. A sua lógica está ligada a não violência recíproca, a não revidar a qualquer tipo de agressão, a não lidar de forma violenta com a violência. Atear foco à madeira que já está em chamas, por mais intenso que já esteja, somente aumentará o fogo já existente. Retribuir com ódio ao ódio recebido, mesmo que em defesa própria, somente intensificará o ódio recíproco existente. E é essa a lógica de Jesus em seu sermão do amor.

Como disse o escritor Augusto Cury, dar a outra face é um símbolo de maturidade e força interior, não se referindo, obviamente, à face física, mas à psíquica. Tal imagem está ligada ao fazer bem a quem nos decepciona, a quem nos agride, é o estímulo para elogiarmos a quem nos difama, a sermos gentis com quem nos aborrece. Exorta-nos a, silenciosamente, abandonarmos o “campo de batalhada” estabelecido por aqueles que nos agridem.

Fugir das contendas, evitar a discórdia, não acolher as agressões, são atitudes “insanas” aos olhos do mundo, mas são básicas para quem busca seguir Jesus. E mais, amar a quem lhe agride. Não um amor superficial, obrigatório pelo cumprimento das orientações (obrigações) religiosas, mas como fruto da sincera e madura compreensão das limitações do outro que o impossibilita de agir de forma diferente. É o identificar o divino naquele que nos agride, pois o Altíssimo também nele está; é apartar o ato ruim, mas jamais quem o cometeu; é não aceitar a maldade, mas acolher, sempre, quem, ignorantemente, a praticou.

Podemos até dizer que é impossível agirmos dessa forma em nosso cotidiano e, de fato, o é, caos dependamos somente de nossa vontade e de nossa condição humana, tão limitadas quanto às do nosso agressor. Em nada há de diferente entre os seres, tanto na limitada condição humana, quanto na infinita capacidade de perdoar e amar, decorrente da essência divina existente em todos. A grande diferença está na opção que fazemos, na escolha entre a força raivosa humana e a luz compassiva divina, entre a justiça dos homens e a harmonia amorosa de Deus. Dessa escolha é que resulta as ações socialmente aceitas, de acordo com a justiça dos homens, ou as ações aparentemente insanas que chegam a acolher os agressores, a retribuir com o amor ao ódio recebido.

Amadas e amados, sinceramente, chego a sentir vergonha quando leio a passagem em questão, mais ainda quando associo parte do relato de Mateus sobre a mesma passagem: “*Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu, pois Ele faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores.*” (Mt 5,45). Quem somos nós para julgarmos nossos semelhantes? Quem somos nós para retribuir uma agressão recebida, com a justificativa de ser um revide cabido e necessário?

Há pouco tempo, tive a oportunidade de refletir sobre o perigo de nos julgarmos essencialmente pecadores e indignos, sendo merecedores de condenações e castigos. Somos limitados, sim, mas essencialmente divinos. Somos à imagem e semelhança de um Deus infinitamente misericordioso, amor em essência, e igualmente temos a possibilidade de também assim o ser, basta rompermos os nossos limites, as nossas amarras, os nossos grilhões que nos prendem à pequenez da condição humana, com vistas a permitirmos ser conduzidos pelo Espírito que em nós habita e está sempre pronto a nos guiar. Todos merecemos o “sol e a chuva”, independentemente de como somos, pois, o que normalmente aparentamos ser, não representa o que de fato somos, o que deixamos transparecer por intermédio de nossas atitudes, em grande parte das vezes, nada significa a nossa verdadeira essência. Se eu sou bom em essência, meu agressor também o é. Se eu mereço o “sol e a chuva”, o meu agressor também merece. Se no momento em que ele me agride, ele age em confronto às leis universais da harmonia entre os seres, certamente, agimos igualmente em outras ocasiões, e nem por isso, deixamos de ter nossa amorosa semente em condições de germinar, gerando a frondosa árvore da compaixão.

O trecho escolhido para nossa reflexão finda-se com a exortação de Jesus para que sejamos perfeitos como o nosso Pai Celeste o é. Surge, então, o grande questionamento: Como? Não seria um absurdo pensarmos em perfeição, sendo humanos limitados, falíveis e aparentemente imperfeitos?

De fato, jamais o seríamos se apenas assim desejássemos. Em tempo algum conseguiríamos a perfeição divina se dependêssemos, somente, de nosso eu pobre e egoísta. Impossível seria atingirmos com perfeição no estado humano, baseando-nos em nosso ego. Seria, então, uma falácia de Jesus, ou apenas uma retórica, para nos estimular a avançar, dentro de nossas limitações, o máximo possível? Creio que não!

Acredito na possibilidade da divinização do ser humano, da sua santificação, na sua transformação em perfeita condição divina, pois não creio que o Absoluto criaria um ser imperfeito somente por capricho ou desejo de menor valia pelos seres humanos. Somos perfeitos, em potencial; somos divinos, em potencial.

Quando somos induzidos a ser perfeitos, assim como nosso Pai celeste o é, creio que estamos sendo convidados para nos conhecermos, verdadeiramente, para “entrarmos” em nós mesmos e encontrarmos a nossa real essência, a nossa raiz divina, para que, ao encontrá-la, possamos resgatar tal condição, a nossa condição divina e perfeita. Estamos falando de espírito, não de carne; de essência, não do físico, pois o físico é imperfeito, limitado e finito, mas a essência é perfeita, infinita e divina.

Busquemos o nosso verdadeiro “eu” e passemos, gradativamente, a olhar para os demais seres como tão divinos e perfeitos como potencialmente somos. Assim, a compaixão é imediata e não produzida; o amor para com as pessoas brota de nosso interior, não sendo artificialmente ou forçosamente construído.

Os seres humanos, quando guiados pelo bem essencial, são capazes de fazer o extraordinário, o considerado impossível: eles perdoam sem nada em troca, doam-se ilimitadamente, amam seus inimigos, oram pelos que os perseguem, desejam o bem a quem os agridem, e, acima de tudo, amam a todos, indiscriminadamente, inclusive aqueles que não demonstram amor por quem quer que seja, aqueles que, pelo menos aparentemente, desconhecem o sentimento do amor.

Jesus aponta-nos para o que é aparentemente impossível, para irmos além do que aparentemente somos e cotidianamente vemos, superando os limites da justiça das leis, deixando que o amor divino, existente em cada um de nós, expanda-se, e por intermédio dele, consigamos formar uma grande teia de harmonia e compaixão entre os seres.

Jamais esqueçamos que ser cristão é caminharmos ao lado de Jesus, seguindo seus ensinamentos e concretizar sua verdade e não, apenas, intitularmo-nos ao abraçarmos formalmente uma tradição religiosa.

Que a paz do Senhor esteja sempre presente em sua vida.

Milton Menezes